A MARCHA APORTOU EM PORTUGAL: A COBERTURA DA IMPRENSA PORTUGUESA SOBRE A "MARCHA NACIONAL POR REFORMA AGRÁRIA, EMPREGO E JUSTIÇA"

Alexandre Barbalho [1]

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar a cobertura da imprensa portuguesa sobre a "Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça", ocorrida em 1997 e promovida Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). A proposta justifica-se levando em consideração que poucos estudos têm se voltado para a cobertura da mídia internacional sobre o Movimento. Para o trato analítico do material empírico, recorre-se à perspectiva interdisciplinar da Análise de Discurso Crítica, procurando fixar os temas e os enquadramentos que produziram esse conjunto de discursos jornalísticos. A pesquisa foi realizada em quatro jornais diários, um jornal semanal e uma revista semanal portuguesa que constituiu um corpus de 32 peças jornalísticas.

PALAVRAS-CHAVE: *Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra; Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça Imprensa Portuguesa; Análise de Discurso Crítica.*

[1] Professor dos PPG em Políticas Públicas e Sociedade da UECE e em Comunicação da UFC. E-mail: alexandrealmeidabarbalho@gmail.com

Introdução

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) surgiu em janeiro de 1984 quando, em Cascavel (PR), 80 representantes de movimentos de trabalhadores rurais de 13 estados brasileiros realizaram o seu I Encontro Nacional. Instituindo-se como um movimento nacional, estabeleceu-se naquele encontro sua estrutura, formas de organização e de luta e suas reivindicações básicas. Contudo, com o passar dos anos, o MST foi se ampliando, não apenas em termos quantitativos, mas também qualitativos, incorporando novos formatos, lutas e reivindicações, processo que o transformou em um dos mais importantes movimentos sociais na contemporaneidade, o que comprova a extensa rede de apoiadores que conquistou em vários países[2].

Entre os encontros e congressos nacionais realizados pelo Movimento, momentos nos quais são discutidas e definidas suas ações e palavras de ordem, o III Congresso Nacional ocorrido em 1995 teve um papel importante ao estabelecer que "A reforma agrária é uma luta de todos". A proposta era envolver toda a sociedade no sentido de legitimar a luta dos sem-terra e, ao mesmo tempo, convencer que a reforma agrária era um benefício para essa mesma sociedade. Pode-se dizer, seguindo Laclau e Mouffe (2001), que, após o Congresso, o MST compreende que a luta democrática se dá no interior de um conjunto relativamente suturado de posições políticas e de práticas discursivas, o que significa ampliar os aliados e os campos de disputa em torno de uma nova hegemonia.

Como avalia João Pedro Stédile (2012), um dos fundadores do MST e membro de sua diretoria nacional, o III Congresso, que expressou um amadurecimento político, reposicionou o Movimento na mídia nacional e internacional, ao reunir cinco mil delegados durante cinco dias[3]. O evento pautou a imprensa que não pôde desconhecer o seu caráter massivo e, portanto, a sua "existência".

[2] Ver o link "Eu apoio o MST" no site do Movimento (http://www.mst.org.br/taxonomy/term/705). Para uma análise da ação política do MST, inclusive de sua repercussão na imprensa nacional e internacional, bem como na opinião pública ver COMPARATO (2001) e PERLI (2013).

[3] Naquele ano, o retorno da questão agrária à cobertura midiática também foi motivada pelo massacre de Corumbiara (RO) em agosto de 1995.

O Congresso ocorreu no momento em que o governo federal, sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso (FHC), deslegitimava o MST ao defender, por um lado, que não havia problema agrário no Brasil. Por outro, ao avaliar que o apoio social que o MST conquistou não seria resultado do reconhecimento das reivindicações dos trabalhadores sem-terra, mas de sua propaganda e da lógica da ocupação como "marketing político". Diante dessa avaliação, adotou uma contrapropaganda em relação à reforma agrária. Assim, segundo Stédile, o ministro que teve mais visibilidade midiática foi Raul Jungmann, da Reforma Agrária, o que respondia à "necessidade do governo de dar a resposta em propaganda para enganar a opinião pública" (STEDILE; FERNANDES, 2012, p. 144).

Na disputa pela reforma agrária durante o governo FHC na qual, como se observa, a dimensão discursiva ocupa papel relevante, a ação de maior apelo midiático promovida pelo MST foi a "Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça", ocorrida em 1997[4]. Ela se iniciou a partir de três pontos diferentes do país (cidades no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país) com destino final em Brasília depois de dois meses de caminhada.

O intuito era rememorar o massacre de Eldorado dos Carajás acontecido em abril de 1996, ao mesmo tempo em que buscava maior visibilidade, legitimidade e apoio ao Movimento, dentro da estratégia traçada no III Congresso e contrapondo-se à tentativa do governo FHC de isolar o MST. Reunindo dezenas de milhares de pessoas em sua chegada à Brasília, dentre as quais se encontravam não apenas os militantes sem-terra, mas uma diversidade de categorias que se solidarizaram com a manifestação e foram levar também suas reivindicações, a Macha pode ser avaliada como um sucesso nos âmbitos políticos, sociais e midiáticos.

Como situa João Pereira (2005), a manifestação fez parte de uma série de acontecimentos, todos eles envolvidos direta ou indiretamente ao MST[5], que, na segunda metade dos anos 1990, colocaram de novo a reforma agrária na pauta política nacional, posto que, desde o início do governo FHC o tema era tratado de forma

[4] Para uma análise etnográfica da Marcha, ver CHAVES (2000). Para uma análise do papel das marchas e da mística no MST, ver ROSENO; CAMPOS (2012).

[5] Os eventos foram: o massacre dos sem-terra em Eldorado dos Carajás; o aumento na ocupação de terras; a tensão social no Pontal do Paranapanema; a Marcha; e os protestos no exterior de apoio à luta do MST.

assistencialista por meio do "Comunidade Solidária" e não dentro da redefinição da estrutura fundiária do país.

O objetivo deste artigo é analisar a cobertura da imprensa portuguesa sobre a Marcha[6]. A proposta justifica-se levando em consideração que, apesar da visibilidade que o MST alcançou no exterior, poucos estudos têm se voltado para a cobertura que a mídia internacional tem feito sobre o Movimento[7]. Terá sido uma cobertura, de fato, significativa? E se sim, que lógicas discursivas o MST conseguiu colocar em pauta na agenda midiática de outros países? Diferentes mapas de significados, entendidos como quadros de referências próprios a cada contexto cultural (HALL et al, 1999), permitiram quais enquadramentos (REBELO, 2002; TRAQUINA, 2007; WOLF, 2009)?

O aporte teórico-metodológico

Para o trato analítico do material empírico, recorre-se à perspectiva interdisciplinar da Análise de Discurso Crítica (VAN DIJK, 2008; 1996), procurando fixar os temas e os enquadramentos que produziram esse conjunto de discursos jornalísticos. É possível dizer, a partir de van Dijk, que o objetivo de tal análise é estabelecer "descrições explícitas e sistemáticas de unidade do uso da linguagem ao que denominamos discurso" (VAN DIJK, 1996, p. 45).

O discurso jornalístico, ou, dito de outra forma, a notícia é entendida aqui como um tipo de discurso e uma forma de conhecimento (PARK, 2009) com suas especificidades estruturais e exige que se estabeleça as relações entre texto (estrutura do discurso em seus diferentes níveis) e contexto (representações e fatores socioculturais). Assim, uma análise do discurso "supõe uma integração do texto e do contexto no sentido de que o uso de um discurso em uma situação social é ao mesmo tempo um ato social" (VAN DIJK, 1996, p. 52).

[6] Partiu-se do pressuposto de que o referido evento possuía um elevado grau de noticiabilidade. Tal pressuposto não se sustentava apenas em um possível efeito de homologia entre os campos midiáticos brasileiro e português, mas também de análise prévia feita sobre o massacre de Carajás na imprensa lusa que concluiu por sua capacidade de agendamento, capacidade esta que se supôs transmissível para a Marcha.

[7] A pesquisa que dá suporte a este artigo faz parte de estágio pós-doutoral realizado pelo autor entre setembro de 2013 e agosto de 2014 na Universidade Nova de Lisboa com Bolsa CAPES/Estágio Sênior processo 3989-13-5.

Entre os diferentes níveis da estrutura do discurso, a presente análise, pelo tamanho do *corpus* empírico, se focará na organização temática, que pertence ao macronível da descrição do discurso e de suas estruturas semânticas, sendo estas, por sua vez, formadas por proposições. A análise do tema é fundamental, pois ele funciona como uma instância de controle sobre a interpretação da notícia. A macroestrutura de um texto, por sua vez, define tanto a sua organização temática, quanto sua coerência global.

Como situa Van Dijk (1996), os discursos mais amplos, usualmente, contêm vários temas, alguns mais gerais que outros, de modo que é possível estabelecer uma organização hierárquica na qual uma sequência de proposições está submetida a outra. Tal organização se dá por meio da redução da informação (resumo) que segue três regras básicas: 1. supressão (de informações irrelevantes); 2. generalização (de uma sequência de proposição); e 3. construção (do evento como um todo). Um dos procedimentos a ser seguido, por exemplo, é identificar os sinais temáticos (textos de abertura, títulos, legendas) que permitem conjecturar sobre os temas principais de um discurso. Por sua vez, "as macro-regras não podem operar simplesmente sobre o *input* proporcional de um texto" (VAN DIJK, 1996, p. 59), e exigem o conhecimento por parte do analista do evento analisado.

Baseando-se nas indicações de van Djik, se procederá, em seguida, a uma descrição do *corpus*, com ênfase para os títulos e natureza das peças jornalísticas, antecipando, assim, os seus temas principais. Em seguida, por meio da supressão das partes dos textos, identifica-se os fragmentos discursivos que permitem generalizar os temas principais. Por fim, se procederá à reconstrução do evento por meio de uma análise conclusiva dos elementos levantados nas etapas anteriores.

Descrição do *corpus* empírico

A pesquisa foi realizada em quatro jornais diários (*Público*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias*), um jornal semanal (*Expresso*) e uma revista semanal (*Visão*), sendo que todas as publicações estão sediadas em Lisboa, com exceção do *Jornal de Notícias*, com sede na cidade do Porto. Constituíram o *corpus*

toda peça jornalística que fizesse referência à Marcha, mesmo não sendo ela o tema central. A escolha por este recorte justifica-se pelo fato de que, em Portugal, a divulgação do evento promovido pelo MST aconteceu por meio do lançamento da edição portuguesa do livro *Terra*, do fotógrafo Sebastião Salgado (1997), com versos de Chico Buarque e introdução de José Saramago. *Terra* retrata a vida dos trabalhadores sem-terra no Brasil e os direitos autorais do livro foram doados para o Movimento.

Foram encontradas um total de 32 peças jornalísticas distribuídas por todas as seis publicações pesquisadas. Se o quantitativo indica o agendamento do evento, faz-se necessário uma descrição qualitativa desse *corpus* para que se possa estabelecer como se constituiu essa agenda junto à imprensa portuguesa. Para fins da análise discursiva que será feita na parte seguinte do artigo, as peças serão identificadas pela palavra inicial do título do jornal ou da revista seguida de numeração.

No semanário *Expresso*, a matéria "Sem-terra desafiam o Governo" (E1) foi publicada no dia 19 de abril, na seção "Internacional". Trata-se de um texto assinado por Iza Freaza, correspondente do jornal no Rio de Janeiro, ilustrado por fotografia da agência Reuters. No dia 25 do mesmo mês saíram uma entrevista de Jorge Henrique Bastos com Chico Buarque, intitulada "Entre o samba e o romance" (E2), onde o tema dos sem-terra surge no texto de abertura e nas duas últimas perguntas, e a crítica do livro de Salgado, "Meu nome é Terra" (E3), escrita por Ana Soromenho.

No *Diário de Notícias*, no dia 17 de abril saíram na seção "Sociedade" as matérias "Marcha histórica no Brasil" (DN1), ilustrada com fotografia da agência AP, e "Um protesto para todos os (des)gostos" (DN2), ambas assinadas por Sérgio Barreto Motta, correspondente no Rio de Janeiro. No dia 18, a chamada na primeira página "Presidente do Brasil recebe agricultores em luta pela terra" (DN3), ilustrada com fotografia da agência AP, remete a duas matérias ocupando pagina inteira na seção "Sociedade". A primeira e principal, intitula-se "Sem-terra invadiram Brasília" (DN4), com fotografia da agência Reuters e assinada por José Fonseca Filho, correspondente em Brasília, e a segunda, "Terra lançado em Portugal para camponeses do Brasil" (DN5), com fotografia do próprio jornal e sem assinatura.

No dia 19, foi publicada na seção "Sociedade" a matéria "Presidente brasileiro recebeu os Sem-Terra" (DN6), com fotografia da agência Reuters e assinada por José

Fonseca Filho. E na seção "Artes e multimídias" a entrevista "Quando choro não fotografo" (DN7), com Sebastião Salgado feita por Catarina Carvalho. Ilustrada com fotografia do livro *Terra*, ocupou duas páginas do jornal. O MST surge na parte final da entrevista sob o título "Uma palavra: solidariedade".

No *Público*, no dia 16 de abril, saiu a matéria "Realidade chegou à Ilha da Fantasia" (P1), assinada por Mário Negreiros, correspondente no Rio de Janeiro, com fotografia da agência Reuters. No dia 18, a Marcha foi tema da seção "Destaque", a mais importante do jornal, que ocupa as páginas duas e três, e na qual foram publicadas quatro matérias. Na página dois, a matéria principal intitulada "Brasil aos pés dos sem-terra" (P2) de Mário Negreiros, correspondente de Brasília, com fotografia da agência EPA. Na página três, "Apenas uma palavra: porquê?" (P3), de Helena Pereira, com fotografia do livro de Saramago; "Um ano de luta por viver" (P4), sem autoria; e "Uma causa, uma novela" (P5), assinada por J.A.

No dia seguinte, o tema volta a ser assunto da "Destaque", ocupando a página dois a entrevista com Salgado realizada por Margarida Medeiros, ilustrada com uma fotografia de *Terra* e intitulada "Fotografia em nome dos Sem-Terra" (P6). Na página três, foram publicadas as matérias "Aquele abraço de Lula" (P7), assinada por Negreiros e fotografia da agência Reuters, e "Igreja Católica abre mão de terras" (P8), sem assinatura, e o editorial "Os homens imprescindíveis" (P9), assinado por Nicolau Santos. Por fim, no dia 20, o MST volta a ser tema de matéria assinada por Negreiros, com fotografia da Reuters, intitulada "Um universo de incertezas sob o signo da cortesia" (P10).

No *Correio da Manhã*, no dia 17, na seção "Leituras", foi publicada a matéria não assinada, "Uma visão da 'Terra' por Sebastião Salgado e Chico Buarque" (CM1). No dia 18, foi publicada a matéria "Sem-Terra levam protesto a Brasília" (CM2), assinada por Domingos Serrinha, correspondente em São Paulo, com fotografia da agência EPA. No dia 20, Serrinha também assina a matéria "'Sem-Terra' radicalizam posições" (CM3).

No *Jornal de Notícias*, no dia 17 de abril, saiu a matéria "Movimento dos sem-terra 'invade' cidade de Brasília" (JN1), assinada por Alexandre Ribondi, correspondente em Brasília, com fotografia da agência AP. No dia seguinte, a chamada

na primeira página "Camponeses sem terra paralisam Brasília" (JN2) remete às matérias na seção "Internacional" intituladas "'Sem terra' vencem primeira batalha" (JN3), sem assinatura, com fotografia da agência AP, e "Presidente da República anuncia mudanças" (JN4), assinada por Ribondi. No dia seguinte, Ribondi assina nova matéria, "Democrática e pacífica" (JN5).

A revista *Visão* publica no dia 10 de abril um "exclusivo" de dez páginas sobre Sebastião Salgado, intitulado "A terra vista por Salgado" (V1), com seis páginas dedicadas a reproduzir nove fotografias do livro, acompanhadas de legendas do próprio autor, e o restante com uma matéria sobre a vida e a obra do fotógrafo, incluindo o livro *Terra*, e uma coordenada intitulada "Salgado e Chico, juntos e ao vivo em Portugal" (V2). No dia 17, foi publicada a nota "Bispos recebem sem-terra" (V3). No dia 24, Salgado volta a ser tema na matéria "O fotógrafo fotografado" (V4).

A partir da descrição feita acima é possível sustentar que a Marcha, incluindo, como foi dito, o lançamento do livro *Terra* em Portugal, obteve uma cobertura relevante não apenas em termos quantitativos, mas também qualitativos, como indicam o recurso a correspondentes e a fotografias, a sequência e o tamanho significativo de algumas das matérias (*Visão* e, principalmente, *Expresso*, publicações semanais, foram as que deram menos cobertura ao evento) e, principalmente, o lugar que ocupam no jornal, como chamadas na primeira página e a seção "Destaque" no *Público*, que inclui, inclusive, um editorial. A questão que se coloca agora é analisar esse *corpus* discursivo para perceber quais foram os temas relevantes desta cobertura e com quais enquadramentos foram construídos.

A tematização da "Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça" na imprensa portuguesa

Na cobertura da revista *Visão*, destaca-se o "exclusivo" (V1) feito sobre Salgado. Apesar do corpo da matéria ter como tema principal a vida e a obra do

fotógrafo, seu texto de abertura ressalta que o livro *Terra*, a ser lançado na semana seguinte em Portugal, era "Dedicado aos 'milhares de famílias de brasileiros sem terra que sobrevivem em acampamentos improvisados às margens da rodovia'". O trabalhador sem-terra (e, por efeito de proximidade, o MST) se impõe como tema por meio do conjunto de fotografias retiradas do livro e legendadas pelo próprio Salgado. Em V4, o fotógrafo é mais uma vez o tema central da matéria e como o gancho é o lançamento de *Terra*, os assassinatos no campo, a chacina de Eldorado de Carajás e a Marcha são mencionados.

No *Jornal de Notícias*, ao contrário de *Visão*, a cobertura é toda focada na Marcha. Em JN1, o texto de abertura afirma que "Brasília prepara-se para receber hoje uma das maiores demonstrações populares da sua história: 1.800 trabalhadores rurais do Movimento dos Sem-Terra entrarão da cidade depois de um mês de marcha, vindos de três pontos distintos do país". O tratamento do tema se divide entre contextualizar o evento, ressaltando seu caráter pacífico; as medidas de segurança adotadas pela Presidência da República; a dimensão política do evento, informando sobre o encontro do MST com o presidente FHC e a crítica ao MST feita pelo ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, única fonte citada na matéria, ao lado do ex-primeiro-ministro de Israel. Como contraponto à fala oficial [de Jungmann], Ribondi finaliza a matéria afirmando que o Brasil tem que explicar à opinião pública o porquê dos assassinatos de negros pobres, indígenas, crianças e dos trabalhadores sem terra que "escolheram a data de 17 de abril como o seu dia, em memória da chacina dos sem terra no estado do Pará, no ano passado".

JN3 é ilustrada com uma fotografia aérea que mostra uma avenida de Brasília tomada pelos manifestante. A legenda informa que a entrada da Marcha na cidade foi saudada por milhares de pessoas. Esse é o tema central da matéria: o sucesso da manifestação que parou a cidade em um clima de festa e confraternização. A posição política do MST é acessada por meio de José Rainha, citado como fonte, que afirma que os sem-terra só sairão de Brasília quando a Reforma Agrária for efetivada. Já o governo federal tem como fonte o presidente FHC que afirmou que os manifestantes "*abraçam uma utopia regressiva*" e não podem "*sonhar em substituir-se ao Estado*" (grifos do texto original). Em JN4, o tema principal é a reação política do governo federal às

pressões do MST, com o anúncio de políticas voltadas para a reforma agrária. Como tema secundário, a matéria aborda outras reinvindicações do Movimento ainda não atendidas, como a punição dos responsáveis pelo massacre de Carajás. Em JN5, a Marcha volta a ser o tema central ressaltando, mais uma vez, o seu sucesso em pautar a questão agrária junto à presidência da República e o seu caráter pacífico.

No *Correio da Manhã*, a Marcha chega primeiro com o livro *Terra* e o anúncio de seu lançamento (CM1), ainda que faça referências diretas à história do MST. Em CM2, o tema central é a Marcha e o retorno do governo às reivindicações. Contudo, a matéria se inicia se referindo ao presidente FHC que advogou um esforço conjunto de seu governo com o Movimento em prol da efetivação da reforma agrária.

O tom equilibrado de CM2, ao trazer as posições dos manifestantes e do governo, desaparece em CM3, a começar pelo título, onde o uso do verbo "radicalizar" prenuncia o tom pejorativo ao longo do corpo da matéria. O tema principal é o fracasso da reunião entre MST e a presidência. Assim, "contrariando totalmente o clima de diálogo e moderação", o MST radicalizou as suas posições, com as lideranças "provocando" o presidente FHC e ocupando a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em três estados. Domingos Serrinha, autor da matéria, qualifica alguns membros da comissão de negociação do Movimento como "adversários radicais do presidente" que, em "um gesto de boa vontade", concordou em recebê-los. O parágrafo final da matéria é totalmente dedicado à fala de FHC, "ainda espantado pela reviravolta dos líderes dos 'Sem-Terra'".

No *Público*, jornal que dedicou maior espaço à Marcha, P1 aproveita a iminência da chegada dos manifestantes para situar o que é o MST, sua forma de atuação, que tem "como arma fundamental a invasão de terras" e sua relação com o governo. Egídio Bruneto, um dos coordenadores do MST e única fonte citada no texto, afirma que "Pacto [com o governo federal] é uma palavra que está fora do nosso vocabulário". Para Mário Negreiros, autor da matéria, "O radicalismo do MST corresponde ao radicalismo da questão fundiária no Brasil".

P2, principal matéria do "Destaque" que o *Público* deu ao evento no dia 19, o tema principal é o do sucesso dos propósitos da Marcha, que "pode considerar-se, desde já, vitoriosa", pois atingiu tanto seus objetivos de chamar a atenção da opinião pública,

posto que "a manifestação foi o principal assunto de todos os noticiários televisivos e radiofônicos do país", quanto de quebrar a tentativa de isolamento imposta pelo governo federal que se viu obrigado a receber e a negociar com o Movimento. A matéria é ilustrada com fotografia que mostra uma larga avenida ocupada pelos manifestantes, tendo, no primeiro plano, uma imensa bandeira do MST segurada por vários de seus militantes. Se P3 tematiza o lançamento da edição portuguesa de *Terra* e P5 a novela *Rei do Gado*, que tem como uma de suas tramas a questão dos sem-terra, P4 retoma o MST como tema central, porém o que se aborda é a história do Movimento, incluindo o massacre de Carajás e as contínuas mortes no campo.

A Marcha volta a ser o destaque do *Público* no dia seguinte, mas o agendamento se dá pela presença de Salgado pra o lançamento de *Terra*. A entrevista (P6) aborda basicamente a proposta do referido livro, dando pouco espaço para a biografia e o conjunto da obra do fotógrafo brasileiro. Questionado se "Está particularmente ligado ao Movimento dos Sem-Terra", Salgado responde: "Sem dúvida. Para mim é um movimento fundamental no Brasil...". Em outra passagem, à pergunta se o livro foi "uma operação midiática", afirma positivamente e explica: "Decidi convidar o José Saramago, porque é talvez o escritor de língua portuguesa mais lido no Brasil, e também respeitado em todos os países da Europa e mesmo nos Estados Unidos. Escolhi-o não só pelas suas opiniões, que respeito, como também por assegurar uma maior penetração nesses países. Esse livro vai aparecer mais como um manifesto do que como outra coisa".

O sucesso da Marcha, seu caráter "um pouco festa, um pouco missa, um pouco Woodstock" é o tema central de P7, mas o diferencial na abordagem é trazer os discursos de Luís Inácio Lula da Silva, "a grande estrela" entre os políticos, que ocupa quase metade da matéria, e de João Pedro Stédile, coordenador do MST. Se P8 tem como tema central o anúncio de que a Igreja Católica estaria disposta a doar parte de suas terras para a reforma agrária, o editorial (P9) afirma que "os pobres existem e, na sua pobreza, podem ser de uma beleza surpreendente". É o que mostra *Terra* "sobre os 'sem-terra' do Brasil, cinco milhões de famílias sujeitas há anos e anos ao pior que a vida pode dar". Encerrando a cobertura do *Público*, P10 tem como tema central a negociação entre o MST e o governo federal que instaurou "alguma cordialidade" nas

relações entre os dois lados, apesar do impasse continuar "no ponto em que estava antes do encontro".

No *Diário de Notícias*, DN1 tem como tema principal a chegada premente da Marcha, considerada como "histórica". Sérgio Mota, autor da matéria, informa que o MST, "apesar das críticas internas (...) conta com ampla simpatia internacional". José Rainha, um dos líderes do Movimento, é uma das duas fontes citadas. Para Rainha, "Não queremos apenas invadir a terra dos outros. Se o fazemos é porque não há política de reforma agrária...". A outra fonte é o ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, cuja fala, que encerra a matéria, procura deslegitimar o MST ao dizer que as poucas milhares de pessoas que a Marcha pretende reunir é inexpressiva e que o Movimento "tem menos sócios do que o Rotary Club".

DN2 aborda a Marcha a partir dos apoios que recebeu de diversos outros agentes sociais (funcionários públicos, desempregados, minorias, estudantes, religiosos etc), bem como da crítica feita ao MST pelos proprietários de terra que se dizem "do lado da justiça e perseguidos pela imprensa". "A realidade, no entanto", afirma Mota, "é que o Movimentos dos Sem-Terra, atualmente, é um fato internacional, chegando a ser considerado por muitos como o mais relevante movimento de massas neste final de século".

A chamada na primeira página (DN3) informa que Brasília foi "invadida por uma enorme manifestação liderada pelo Movimento dos Sem-Terra, até agora a maior contra as políticas econômicas e sociais do Governo de Fernando Henrique Cardoso. Como primeira vitória, os líderes do MST serão hoje recebidos em audiência pelo Presidente brasileiro, que lhe anunciará novas medidas para a reforma agrária no Brasil". A fotografia, com legenda "Protesto. Milhares de agricultores concentram-se em Brasília", mostra, de uma tomada aérea, uma longa avenida totalmente ocupada pelos manifestantes.

DN4 traz como tema central o dia da Marcha, a "maior contra o fracasso das políticas econômicas e sociais" do governo FHC. Considerada vitoriosa por agendar o presidente da República que se viu obrigado a anunciar medidas para a reforma agrária, o evento também se destacou por seu caráter pacífico e pelo "apoio total da população, que lhes acenou com bandeiras do Brasil". Gilmar Mauro, coordenador nacional dos

sem-terra, e José Rainha, "um dos principais líderes do MST", bem como o presidente FHC são as únicas fontes citadas pelo correspondente José Fonseca Filho. A fotografia que ilustra a matéria, ocupando metade de seu espaço, retrata os manifestantes vestidos com camisa e boné do MST, caminhando pela avenida e portanto bandeiras do movimento. A legenda informa: "Mar de gente. Além dos manifestantes, cerca de 85 por cento da população afirma-se solidária com a luta dos sem-terra, segundo diversas sondagens ontem divulgadas pela imprensa".

Ocupando espaço bem mais reduzido em relação à matéria anterior, DN5 tematiza o lançamento de *Terra*, situa que o tema do livro é "a luta dos camponeses brasileiros que integram o MST" e informa que os direitos autorais foram oferecidos aos camponeses, "integrando-se na campanha internacional de recolha de apoios e ajuda financeira que agora chega a Portugal". O encontro do MST com o Presidente FHC é o tema central de DN6, onde José Rainha e Fernando Henrique Cardoso aparecem com destaque como fontes discursivas. Como tema secundário, a matéria volta a ressaltar o caráter pacífico e vitorioso da Marcha, que teria sido destaque de todos os grandes jornais do Brasil, inclusive dos mais conservadores.

A vida e a obra de Sebastião Salgado é o tema central de DN7, contudo há uma coordenada da entrevista, com título e subtítulo "Um palavra: solidariedade. O grande mérito do Movimento dos Sem-Terra brasileiros é reter no campo toda uma parcela que não quer ir para a cidade". Perguntado sobre "Como são estes agricultores", Salgado afirma: "Têm uma grande consciência de classe, conhecem a vida porque a praticaram, não querem ser escravos da terra".

No semanário *Expresso*, E1 faz um apanhado da Marcha, de sua organização, de sua capacidade de agendar a presidência da República e, mesmo, de servir como exemplo para outras organizações que também começam a organizar suas marchas. O subtítulo da matéria é revelador, nesse sentido: "O êxito da marcha dos sem-terra ameaça desencadear uma vaga de marchas. Para já, prepara-se a dos sem-emprego". Os líderes dos sem-terra, José Rainha e João Pedro Stédile, são as duas únicas fontes citadas sobre o evento que "consagrou o MST como principal movimento de oposição ao Governo". Por fim, E2 tematiza o lançamento de *Terra* no mesmo dia que a "grande marcha pela reforma agrária coordenada pelo Movimento dos Sem-Terra, chegou a

Brasília e ocupou a capital brasileira". Salgado seria "solidário e empenhado nesta causa que afeta quatro milhões e oitocentas famílias de trabalhadores rurais".

Apontamentos conclusivos

Após fixar os temas principais do *corpus* empírico suprimindo informações irrelevantes e generalizando proposições, podemos reconstruir o acontecimento "Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça" como um todo discursivo.

Como foi possível observar, a cobertura da Marcha não se estruturou como um agendamento negativo para o Movimento, pois, se o enquadramento preponderante foi o orientado para o acontecimento, o contexto cultural do leitor português exigiu que se expusesse minimamente a problemática agrária brasileira e o papel do MST. No geral, portanto, tratou-se de uma cobertura equilibrada, onde o Movimento e seus dirigentes eram referidos como fontes autorizadas, ou seja, como interlocutores legítimos.

Se a Marcha foi tematizada, em algumas matérias, por meio do lançamento do livro *Terra*, o que deixou em segundo plano a luta dos sem-terra em função da notoriedade, e portanto, do valor-notícia que significou a presença de Saramago, Chico Buarque e, principalmente, Salgado, esse não foi o tema principal da cobertura. Ele só se impõe na revista *Visão*, que por sua periodicidade semanal não podia acompanhar o evento em seus desdobramentos diários, e no jornal semanário *Expresso* que não deu maior cobertura ao evento de uma maneira em geral.

No extremo oposto a estas duas publicações, o jornal *Público* dedicou em dois dias seguidos seu espaço principal, a seção "Destaque", para a Marcha, incluindo um editorial, além de outras matérias. Se o livro *Terra* é um dos temas dessa cobertura, a manifestação e a reunião do MST com o presidente FHC e equipe também ocupam a temática principal. Também se destacam a cobertura do *Diário de Notícias* e do *Jornal de Notícias*, onde o lançamento do livro não tem qualquer destaque (nem chega a ser tema no JN) e onde, no enquadramento da marcha e da reunião, tem papel relevante a problematização da questão agrária e da violência no campo, feita pelos correspondentes.

Por fim, destaca-se a avaliação que os jornais fazem do acontecimento, apontando seu caráter "pacífico" e sua "vitória" em agendar a presidência da República, a opinião pública e os meios de comunicação de massa nacionais e internacionais. A única exceção é o *Correio da Manhã* que posiciona o MST como radical e culpa os seus dirigentes pelo fracasso da reunião com o governo federal, além de ter privilegiado o presidente FHC como sua principal fonte autorizada.

Em entrevistas exploratórias concedidas a esta pesquisa, dois "amigos do MST" em Portugal, Alfredo Campos[8] e Ana Maria Saldanha[9], afirmaram sobre a invisibilidade do Movimento na imprensa portuguesa. Contudo, no evento específico que se analisa neste artigo, relativiza-se tal afirmação quando se observa que a "Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça" conseguiu agendar, de forma relevante, a referida imprensa. Conclui-se, ainda, que a relevância não está apenas no dado quantitativo de peças jornalísticas dedicadas ao acontecimento, mas na tematização da Marcha por um enquadramento que não descura de análise da problemática agrária e nem de sua dimensão político-social. É possível afirmar, portanto, que as notícias funcionaram como uma forma privilegiada de conhecimento sobre o contexto brasileiro para o público português.

Referências

CHAVES, Christine de Alencar. **A Marcha Nacional dos Sem-Terra**: Um estudo sobre a fabricação do social. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST**. São Paulo Perspec. vol.15 no.4, São Paulo Oct./Dec. 2001, p. 105-118. Disponível em:

[8] Alfredo Campos é um dos dirigentes da Confederação Nacional de Agricultura (CAN), sediada em Coimbra. Como diretor da CAN, participou do VI Congresso Nacional do MST, realizado em fevereiro de 2014, em Brasília.

[9] Ana Maria Saldanha é militante do Partido Comunista Português. Atuou com professora na Escola Nacional Florestan Fernandes do MST.

http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000400012. Acessado em 07.jul.2014

HALL, Stuart *et all*. "A produção social das notícias: o *mugging* nos media". In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo:** questões, teorias e "estórias". Lisboa: Vega, 1999. p. 224-248.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estratégia socialista**. Hacia una radicalización de la democracia. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

PARK, Robert. "As notícias como uma forma de conhecimento: um capítulo na sociologia do conhecimento". In: ESTEVES, João Pissarra (org.). **Comunicação e sociedade**. Lisboa: Horizone, 2009.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **A disputa política no Brasil em torno da implementação do modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial (1997-2005)**. Nera.n. 6 (8), Presidente Prudente, 2005, pp. 92-117. Disponível em: http://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewArticle/1463. Acessado em 23/ago/2014.

PERLI, Fernando. **Internacionalismo em questão:** rede de solidariedade em jornais e cadernos do MST (1984-1986). História em Reflexão, Vol. 7, No. 13 (2013), Dourados, 2013, p. 01-13.
Disponível em:
http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2507/1460
Acessado em 23/ago/2014.

REBELO, José. **O discurso do jornal**. O como e o porquê. Lisboa: Notícias, 2002.

ROSENO, Sônia Maria; CAMPOS, Rogério Cunha de. **Notas sobre "marcha" e "mística" no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST).** Trabalho & Educação, v.21, n.3, Belo Horizonte, set./dez.2012, p.293-302, Disponível em http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/view/962/1105. Acesso em 23/ago/2014.

SALGADO, Sebastião. **Terra**. Lisboa: Caminho, 1997.

STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo. **Brava gente**: A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo; Expressão Popular, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2007.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder**. São Paulo: Cotexto, 2008.

_____. **La noticia como discurso**: compression, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1996.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2009.